

## UMA NOVA SOCIEDADE

Certas pessoas que não conhecem o sindicalismo senão pelos informes tendenciosos que a imprensa capitalista lhes dá, assaltam-nos com perguntas ingênuas, quando lhes explicamos que, ao contrário do que os reactionários propalam, desejamos estabelecer na sociedade uma harmonia perfeita, que não dê lugar à exploração do homem pelo homem, nem às injustiças que permitem, actualmente, sobre a classe trabalhadora.

Elucidadas acerca do nosso ideal de perfeição, essas pessoas ingênuas pretendem, em regra, saber minuciosamente de que maneira se poderá manter uma sociedade que não tivesse um Estado capitalista, nem as respectivas instituições que o regem.

Assim, quando lhes dizemos que o parlamento, os ministérios, as câmaras municipais desapareciam no célebre dessas pessoas, mal preparadas para receber de chofre um golpe tanto profundo nas suas opiniões rotineiras, estabelece-se fácil confusão.

Ora, de facto, só aos mortais que tivessem o dom de adivinhar, seria possível definir, pão, pão, queijo, queijo, a sociedade futura... Mas se adivinhar não podemos, deu-nos a natureza a facultade de deduzir, e é deduzindo, e não estabelecendo um programa rígido que futuras circunstâncias poderiam alterar, que nós asseveramos aos incrédulos que a actual Organização Operária reúne já, embora em embrião imperfeitas, as instituições que àmanhã, após uma revolução proletária triunfante, poderiam substituir. Com vantagem para o operário, as principais instituições capitalistas.

A reunião no seio da C. G. T., de todas as profissões, dá-lhe a supremacia no conhecimento de todas as questões que se relacionam com o trabalho e a produção.

Partindo do princípio de que todos os ramos de actividade humana estarão lógicamente entregues aos sindicatos respectivos, isto é, a terra às associações rurais, agrupadas na sua federação, a metalurgia aos sindicatos de operários e técnicos metalúrgicos, agrupados na sua federação, os trabalhos marítimos e fluviais organizados do mesmo modo, e assim sucessivamente, compreender-se-há que, em vez de ministérios incompetentes dirigindo todo o trabalho, teríamos as federações de indústria substituindo esses ministérios e recebendo dos sindicatos a influência e os subsídios de ordem particular em cada fábrica, oficina e localidade, para melhor fraçar a sua conduta respeitante aos problemas nacionais de cada indústria. Teríamos ainda a reunião de representantes de todos os sindicatos de cada localidade, formando, portanto, a União dos Sindicatos, para substituir com vantagens as actuais câmaras municipais. E, em vez dum parlamento burguês, formado por papagaios de luxo que não percebem nada, teríamos a reunião periódica de representantes de todas as federações e de todas as uniões de sindicatos, que constituiriam um conselho nacional de técnicos abalizados que, entendendo-se entre si, concertariam harmónicamente os interesses de todo o país produtor, desde o mineiro ao artista, do pedreiro ao arquitecto, do metalúrgico ao escritor, do canteiro ao actor.

Assim, esse conselho confederal, livre das perseguições e das horríveis condições de trabalho que a sociedade burguesa actualmente lhe impõe, seria uma assembleia muito mais competente e cônscia da sua missão (visto que saia directamente do povo), do que as assembleias de deputados alcandorados miraculosamente pelas batatas reles dos círculos de aldeia, ao poder legislativo.

Este problema, tão complexo que não se pode descrever cabalmente em algumas linhas dum artigo, deve merecer, parece-nos, o estudo aturado dos militantes que poderão dar-lhe desenvolvimento e aperfeiçoá-lo.

## Um «cirineu» em liberdade

BERLIM, 16.—Foi posto hoje em liberdade Henry Barmat, um dos implicados no escândalo político e financeiro do Banco da Prússia.—L.

## O centenário de Camilo Castelo Branco e a especulação desenfreada que se faz com a memória do grande escritor que morreu na miséria.

O centenário de Camilo Castelo Branco foi uma vergonha o povo retraiu-se, tomando a máxima indiferença—a comemoração não teve sinceridade, nem inteligência, nem lógica.

\* \* \*

Camilo Castelo Branco foi um dos escritores mais desgraçados deste país. A infelicidade que o perseguiu em vida, continua acometendo-o-a pesar-déle ter morrido há 100 anos. Como romancista, Camilo deixou uma obra irregular, em que o gênio espalhou vigorosamente, algumas vezes com proveito, outras esgotando-se no mesmo motivo, nos mesmos personagens, nas mesmas situações distorcidas com dificuldade.

O maior inimigo da qualidade é a quantidade. Camilo, tendo escrito muito, escreveu de mais. A sua obra podia reduzir-se, sem desprestígio, até com vantagem para a memória do escritor, a décima parte dos volumes que deixou.

O seu gênio vem, não de criações dum excepcional estética, dum incomparável técnica, mas de tirante um ou outro volume páginas brilhantes, ricas de estilo e de maravilhosa improvisação. Porque se repetiu tanto o escritor? Em primeiro lugar porque lhe escasseavam aquelas facultades construtivas necessárias à factura dum obra que perdure. Examine-se ao acaso Balzac, Zola, Victor Hugo, entre os estrangeiros; Eça de Queiroz, entre os portugueses. Todos estes autores têm uma obra que fica, porque foi bem meditada e uredida; obra que contém muitos e admiráveis quadros, traçados vigorosamente; páginas do mais inspirado literário alternadas com o mais rigoroso e intenso realismo; cenas bem desenhadas, rigorosas criações, sinteses admiráveis de humanidade em que está todo o risco, todo o sofrimento, toda a dignidade, toda a submissão, todo o ridículo.

Ele é o Luciano Ribeiro das *Ilusões Perdidas*, o Jean Valjean, dos *Miseráveis*, o Suvarine do *Germinal*, o conselheiro Acácio do *Primo Basílio*. É Camilo? Ai está a Mariana do *Amor de Perdição*, tossindo e chorando, a demonstrar-me que por toda a obra de Camilo existem muitos personagens suas irmãs, dum tal semelhança, que parecem gêmeas. O brasileiro de Camilo? Quantos irmãos, tan semelhantes que parecem o mesmo, ele possue?

Estamos daqui a ouvir os níveis do feroz rebanho camilista que verificados para voz humana traduzem a observação de que foram as necessidades de Camilo a razão da quantidade de volumes que parecem um só e o mesmo volume. Assim foi. Estreavendo num tempo em que 90% da população vivia e morria na mais densa ignorância e no mais completo analfabetismo, atravessa grandes e cruciantes e cotidianas dificuldades.

\* \* \*

O autor do *Amor de Perdição* quiz fazer das letras uma profissão, pretendendo viver exclusivamente da sua pena. Foi uma temeridade que revela grande mérito, estoica coragem, mas que inferiorizou o seu talento, desvalorizou a sua obra e desgraçou a sua vida. Ser escritor nunca foi em Portugal uma profissão. Não há público que o mantinha, nem editores que se convençam que o escritor é um trabalhador a quem se recem o mesmo, ele possue?

Camilo foi uma vítima fácil, mercê das suas urgentes penas, das suas ansiosas preces, nas garras de editores sem escrúpulos. O roubo de que ele foi vítima pode resumir-se nesta síntese: Camilo suicidou-se em plena miséria, os editores enriqueceram...

Rebelde, mas duma rebeldia que foi o avesso de todas as rebelidas, Camilo zarrou os pais sem deixar de ser católico, fustigou os reis, a-se desparar ser monárquico... Zumbou das comendas dos barões de torna viagem e da sua pretensão em conquistar títulos de nobreza, sem deixar de mostrar um grande empenho em ter um título, ser barão ou visconde... E foi visconde ainda que, em certas particularidades ironizasse o seu título, o título que afinal de contas tinha perdido...

Este rebelde em vez de atacar as escolas literárias ou as doutrinas políticas do passado, tratou impiedosamente as que surgiram no seu tempo, perseguindo-as com seus inimigos, sem entusiasmo, sem inteligência, nem sentimento...

Se Camilo fosse vivo, morreriam algumas artificiais reputações e não ficavam inteiras algumas costelas...

## O generoso capitalismo

Na Rússia impera o banditismo, mas em Portugal é que se morre de fome...

Alguém teve a lembrança de, ao referir-se às «fórcas vivas», chamar-lhes **fórcas vivas**. Realmente a fórmula se fôsse restabelecida em Portugal não ceifaria mais vidas inocentes do que a ação dos «cirineus» de bacalhau e da alta finta tem ceifado neste país.

Todos os dias chegam ao nosso conhecimento casos de imensa miséria provocados pelos capitalistas que predominam e mandam nesta sociedade madrasta.

A especulação que se tem feito com o preço dos gêneros tem atirado para as gar-

aqui, em Portugal, perante a sordida e criminosa indiferença do capitalismo «generoso».

Ainda ontem ao alto da sua terceira página, se lia no *Século*:

«**SINTRA, 14. — C.** — Uma pobre rapariga residente perto desta vila e que está criando um filhinho, vive em tais condições de miséria, que esteve dois dias sem comer.

A tragédia do desgraçado lar condonou algumas pessoas, mas só uma visinha, quase tão necessitada como a infeliz mãe, é que tem socorrido os dois entes, repartindo com elas o seu parco alimento.



Querem desmascará-los? Tiram-lhes isto...

ras da tuberculose inúmeras mães muitas trabalhadoras e crianças inocentes.

Para mascarar os seus crimes provenientes das negociações com os alimentos, da falsificação dos gêneros, do leite principalmente que tantas crianças tem assassinado e do pão que já tem levado famílias ao hospital, as «fórcas vivas»—as **forças vivas**—compraram um jornal por dez mil contos (o suficiente para construir um bairro operário) e das suas colunas fazem uma campanha viva contra o bolchevismo russo que classificam de sanguinário e brutal. Mas o pior é que mesmo sem quererem os «cirineus», desculdam-se em publicar no jornal que diz cobras e lagartos do bolchevismo, notícias de misérias que se passam

Camilo para o denegrir, para lhe publicar cartas, algumas das quais talvez tivessem sido inventadas.

Causa a maior das repugnâncias por ser a mais cínica das explorações, este centenário de Camilo, sem entusiasmo, sem inteligência, nem sentimento...

Se Camilo fosse vivo, morreriam algumas artificiais reputações e não ficavam inteiras algumas costelas...

C. L.

\* \* \*

Ontem houve: na rua da Rosa a fixação da lápide na casa em que nasceu ou se preceiu ter nascido Camilo. Em frente do prédio n.º 9 juntaram-se meia dúzia de pessoas—além dos elementos mais pitorescos do Bairro Alto. E falaram os srs. Ludovico de Menezes, Alberto Pimentel, Alexandre Ferreira que sustentaram que Camilo tinha nascido ali... era um grande escritor!

No Teatro Nacional: as 15,30 uma sessão solene, com a plateia às moscas... A noite récita de gala com «Duas senhoras Briosas», peça em um acto de Camilo, e alguns discursos.

\* \* \*

O centenário foi mais um atentado. Pior do que a praga de gafanhotos que assolou, em bíblicos tempos o Egito é a dos livros que inimindaram todas as montanhas e mercados. Centenas de livros contra camilo, disfarçados em refeiras homenagens, ocultando, numa erudição mesquinha de quem estaria vidas, pela frincha dum porta, uma avidez de dinheiro, a mais desenfreada das agiotagens. A desgraça de Camilo, a Ana Plácido que foi o grande drama e grande terremoto sentimental do suicídio, o filho que era maluco, as cartas que escreveu a vários massadões anônimos, tudo isso tem sido posto a vender, a produzir esplêndidos bens. Camilo dá-nos o efeito dum objecto peneirado a 500%, ao ano!

O camilianismo não é uma homenagem, é uma exploração; não é uma sinceridade é uma indústria.

O centenário de Camilo não foi a glorificação de Camilo. Foi a impunidade dos camilianistas tornada apoteose. Que obras editaram os camilianistas? As de Camilo? Não. As suas que falam constantemente em

«SEMANA DA CRIANÇA»

A Comissão Organizadora da «Semana da Criança» foi enviado o seguinte documento:

«A Direcção da Associação de Classe de Empregados de Escritório, apelando devotamente aos elevados objectivos e a humanidade para a intenção que vendeu a organização, na primavera da chamada «Semana da Criança», responde à Associação dos Professores de Portugal por mais esta benemérita iniciativa e oferecer-lhe, se algum préstimo e cabimento têm, o seu esforço e aplausos sinceros.

Uma epidemia em Manchester

LONDRES, 16.—Deram-se já em Manchester alguns casos fatais dum epidemia, cujo germe se desconhece e se desenvolveu em Chicago, onde produziu muitas vítimas.

Os seus sintomas são a infecção repentina dos órgãos respiratórios.

## FORÇAS VIVAS

## OS MILAGRES DA FÉ

Uma perigrinação a Fátima mata um perigrino e fere 14!  
OU  
duas estradas sangrentas e fatais

«Não se rie onde se chorar». E em Requengos de Fetal, há lágrimas, há sofrimento, há dor, convertida, como ficou, provisoriamente, desde anteontem em hospital, um hospital com 14 pessoas internadas.

Requengos de Fetal que está a 13 quilómetros de Leiria foi atravessado por uma camionete que próximo daquela localidade quebrou o travão e se voltou. Vinha de Fátima e trazia 16 perigrinos. Um deles—D. Felismina da Silva Fialho, morreu instantaneamente, 14 companheiros de fé ficaram feridos em maior ou menor gravidade. Apesar de umas crianças «miraculosamente» se salvou, ficando intacta, sem arranhadura.

Ter-se-há voltado aos heróicos tempos cristãos em que a fé era inseparável do martírio e éste a, muitas vezes, até à morte?

Assim parece. Lourdes, todos os anos

causa dezenas de mortes; comboios que desarrilham, comboios que se entrecocam,

«camionetas» que se voltam, fazendo em pedaços os seus passageiros que são fragmentadamente metidos em cemitérios próximo da capital dos milagres. Fátima comece também a criar uma lenda trágica; as estradas que a ela conduzem são molhadas pelas saídas dos justos, improvisados cemitérios dos inocentes. Ir a Fátima desde este ano, como ir a Lourdes nestes anos últimos é uma temeridade que se paga com fracturas de braços e pernas, grande contribuição de sangue e ingresso inesperado no cemitério e na vida eterna.

«Não se rie onde se chorar», mas Deus está sorrindo, está zombando e escandalosamente e cruelmente dos fiéis. E a zombaria cara, tão cara que custa a vida, faz pensar que Deus não sabe tornar a mão leve quando brinca: suas graças são pesadas como a dos maiores sensaborões e fatais como os tiros dos polícias quando perseguem um preso «subitamente evadido».

«Não se rie onde se chorar»—mas Deus troca violentamente da vida dos fiéis, o mais estimável de todos os seus bens.

«As Novidades» não poderiam dar-nos uma explicação satisfatória destes desastres? Deus, em espírito está com aquele jornal decretou inspirar uma boa resposta se ela não fosse demasiado arriscada, pondo as igrejas em perigo de sofrerem uma grande redução de que vão, dominicalmente, assistir às missas.

«Por raciocínio»—por aqueles raciocínios incapazes de esfarrilar as dogmas e a infalibilidade papal—não receamos de dar aos nossos leitores uma resposta à interrogação—resposta que substitui, com vantagem, o silêncio das *Novidades*—silêncio que é de medo, apenas.

Qual é a maior aspiração do crente senão comunicar com Deus? E que maior desejo seria o dum devoto senão comunicar com Deus, perdo de Perdição? Estar fitando o Diabo com um desastre de todos os seus bens.

«As Novidades» não poderiam dar-nos uma explicação satisfatória destes desastres? Deus, em espírito está com aquele jornal decretou inspirar uma boa resposta se ela não fosse demasiado arriscada, pondo as igrejas em perigo de sofrerem uma grande redução de que vão, dominicalmente, assistir às missas.

«Por raciocínio»—por aqueles raciocínios incapazes de esfarrilar as dogmas e a infalibilidade papal—não receamos de dar aos nossos leitores uma resposta à interrogação—resposta que substitui, com vantagem, o silêncio das *Novidades*—silêncio que é de medo, apenas.

Computa-se em 2000 pessoas as que formavam o pormenor quando ele se dispunha a entrar na calçada referida.

Não podia ser semelhante irreverência.

Tamanha conjuntura, como protesto ordeiro era um insulto à força pública, um desrespeito à autoridade... Não foi agora a polícia, quem vestiu o negro manto-assassino. Reservou-se essa missão à guarda republicana que não consentia aquela manifestação. Em voz aterradora aquela multidão foi convidada a dispersar. A estúpida intimação não foi bem aceite. Pois foi o bastante para a G. N. R. cair desmaldade sobre os infensivos manifestantes numa verdadeira fúria canibalesca, dissolvendo o cortejo.

A burlida foi enorme, o pavor foi indescritível. Toda aquela pobre gente fugia aterrada em todas as direções. Entre tanto os menos ageis eram agredidos à cutilada. Uma cega que esmolava por aquele bairro fúria escorregiu-se nela. A polícia velha vingou-se nela. A polícia velha vingou-se nela. A

PELAS CADEIAS

## Contra a vida humana

Um calabouço digno da Santa Inquisição

Bastas vezes nos temos referido às péssimas condições de higiene das prisões e ao maltratamento que os presos ali sofrem.

Surge agora um caso que mais nos faz revoltar contra o exacerbal desprumo com que as autoridades tratam os que lhes dão as garras.

Indivíduos que abandonaram a profissão de pedreiro, para entrar na polícia, estão levantando um edifício na rua de Alcântara para onde deve ser transferida a esquadra policial que na mesma rua existe.

O motivo porque só trabalham polícias nessa obra, é digno da imaginação dum inquisidor. Essa esquadra terá um calabouço subterrâneo, mesmo sob a via dos eléctricos.

Não bastavam já os calabouços do governo civil, o Limoeiro, o forte de Monsanto, onde se arruina a saúde e se arranca a vida aos presos, para satisfazer a cruza de sentimentos desses cavalheiros.

Mais uma sepultura se está construindo agora, em piores condições que as outras, pois além de não poder ser convenientemente iluminada, o que a tornará insalubre, os presos que nesse calabouço entrem terão continuamente de suportar o ruído de carros eléctricos, carroças, camions, etc., que consecutivamente passam nessa rua. Isto é, nem poderão ter um momento de sono.

Isto dá-se no momento em que vimos pondo ante os olhos do públicos os horrores da vida nas cadeias, em que «O Diário de Lisboa» acaba de fazer uma eloquente reportagem sobre a cadeia de Monsanto.

Não acha a polícia que o governo civil chega já para arrancar a vida e a saúde de que a lei persegue?

## Um preso, gravemente enfermo, à mercê do roncereirismo burocrático

Raúl Vieira, preso na cadeia de Monsanto, encontra-se há dois meses na enfermaria dessa prisão, gravemente atacado pela sífilis, sem que lhe seja feito o tratamento devido.

Passa de uma semana que o dr. sr. Lelo Portela propôz à direção das cadeias o internamento imediato desse preso num hospital, sem que até agora tenha sido dado despacho a essa proposta que require resolução urgente.

A mãe do preso, Cândida Vieira, por várias vezes tem procurado o dr. sr. Pestana Júnior, não tendo conseguido ainda falar-lhe.

Porque se não dá o devido destino a esse preso, cuja saúde corre grave risco?

## Voltaram ao Limoeiro 17 presos que tinham ido para Monsanto

Foram reconduzidos para o grupo B do Limoeiro, os seguintes presos por delitos sociais, que haviam sido transferidos para Monsanto:

José Lopes, Marques da Costa, Jaime da Fonseca, Alberto Silva, Rui Homório, Amadeu da Graça Soares e Sousa, Jaurés A. Viegas, Dédalo Leitão, João Marques, João de Oliveira, Antônio Gomes, Pedro Leitão Júnior, Domingos Pereira, José Marques Teixeira, Fernando Carvalhais, José de Brito Pereira e Antônio A. dos Santos.

Correio dos presos. — José Soares. Presos Limoeiro necessitam falar-te com urgência.

## VIVETTE

O público continua prestando inteira justiça a esta magnifica peça, em cena no Nacional, o interessantíssimo original de Jacques Deva. É assim que se contam as récitas pelas encenadas, devendo os espetáculos, entre o maior entusiasmo.

Chegou ao Tejo um carregamento de trigo

Procedente de Rosário, entrou ontem no Tejo o vapor inglês *Trident* com carregamento completo de trigo para Lisboa.

## SOLIDARIEDADE

A favor de Carlos Saldanha

Reuniu hoje os componentes da comissão promotora do benefício em auxílio de Carlos Saldanha, às 18 horas, na rua do Sol à Graça, 65, r/c, a fim de se proceder à liquidação com o beneficiado.

## Atropelamento mortal

No caminho do Forno do Tijolo o automóvel F 7289, guiado pela médica D. Helena Calado, Praia da Vitoria, atropelou um soldado que prestava serviço na Escola de Guerra, o qual teve morte instantânea. Deu entrada na Morgue.

## COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 21 h. (9 da noite) — HOJE

2.ª apresentação do extraordinário artista

## Miss Mongador

que executa um emocionante salto de grande altura para a pista e que, em sua estrela, obteve o maior e mais justificado sucesso

Homens e interessantíssimas poses plásticas, cenas de quadros célebres expostos no Museu de Paris, pelos notáveis artistas

## 3 KEMMYS 3

Originais e engraçados intermedios cômicos pelos aplaudidos e populares clowns

## Rico &amp; Alex e Irmãos Albanos

ESPECTÁCULO SEMPRE VARIADO

## Quinta-feira — GRANDIOSA "MATINÉE"

CAFÉ DO COLISEU

Mulatos, Jumeis e celas por preços convidativos Concertos por célebres ex-alunos do Instituto Branco Rodrigues, de tarde e à noite

to estava no pátio do Governo Civil. O miserável, ao vê-lo, insinuou ao cabo da guarda, que por sua vez o expulsou dali. Como insistisse foi espedaçado pela sentinela.

Em Alcântara corre com insistência o boato de que a polícia afirma que se algum dos irmãos do morto cair na esquadra terá a sorte da vítima do bicho da Galheta.

Que nos aguardará ainda destes assassinos?

## O pessoal dos Correios e Telégrafos

protesta contra a concessão do monopólio da radio-telegrafia à casa Marconi

A concessão do monopólio da radiotelegrafia à casa Marconi indignou o pessoal dos Correios e Telégrafos, que duma maneira energica vem protestando e apelando para o auxílio da imprensa.

Realmente não nos parece aceitável que depois de tanto se ter pregado contra os monopólios, se permita a formação de mais um dos mais importantes — os das comunicações.

Do pessoal telegrafo-postal de Lisboa recebemos o seguinte telegrama:

«O pessoal telegrafo-postal protesta contra o monopólio da radio-telegrafia concedido à casa Marconi em prejuízo do Estado, representado pela administração geral dos Correios e Telégrafos. Esta administração já tem estações montadas há anos no continente e ilhas que não se aperfeiçoaram por terem que ser entregues à casa Marconi, de harmonia com o contrato que lhe concede o monopólio.

«A administração dos Correios e Telégrafos tem engenheiros especializados na Escola Superior dos Correios e Telégrafos de Paris, além dos que são diplomados pelos Institutos Superior Técnico e Industrial de Lisboa. Ninguém como ela pode contatar a explorar a radio-telegrafia.

«A entrega do monopólio à Marconi representa um prejuízo considerável para o Estado, além de ficar dependente dumha companhia para as suas comunicações com as ilhas, colonias e estrangeiro.

«O pessoal telegrafo-postal pede o auxílio da imprensa contra a negociação que representa o referido contrato. A companhia é estrangeira, ao contrário do que afirma seu representante em Lisboa. O contrato foi feito com Marconi's Wireless Telegraph Company, Ltd., com sede em Londres, Strand House, e no artigo 3.º do contrato diz-se que os sete membros do conselho de administração cincos, pelo menos, serão portugueses.

«A Aveiro, do pessoal telegrafo-postal daquela cidade, recebemos também o seguinte telegrama que gostosamente publicamos:

«AVEIRO, 16.—T. — O pessoal dos Correios e Telégrafos do distrito de Aveiro protesta contra o monopólio da radio-telegrafia concedido à casa Marconi, que traz a ruina dos serviços dos Correios e Telégrafos, e pede a defesa dos interesses do Estado.

Vê-se por estes eloquentes telegramas que o pessoal telegrafo-postal está disposto a não sancionar a negociação que se fez em detrimento dos interesses do país.

Uma exploração torpe

Enriquina Rosa Ferreira é uma pobre mulher, sem meios para se sustentar tendo a seu cargo um filho de um indivíduo que a expulsou de casa na terça-feira, não lhe prestando auxílio algum.

A pesar da sua angustiosa situação, uma criatura de nome Maria Augusta, não tem escriptos de lhe exigir 6500 diários por um quarto que lhe cedeu em sua casa, na Rua do Arco Marquês do Alegrete, 89.

Apenas lhe tem valido neste difícil trânsito um jovem-sindicalista, chamado Manuel Tavares da Silva, que há alguns dias a vem sustentando.

Não tardarão a ser concedidas uma medalha de filantropia, mérito e generosidade à Maria Augusta, e um calabouço no governo civil ao Manuel Tavares da Silva.

Rendimentos dos operários

No Banco do Hospital de S. José, receberam curativo e seguiu para casa, Custódio Rodrigues, de 36 anos, natural de Pedro do Sul, desarrugador, residente no pátio José Mario Rêgo, 15 (a Chelas), que foi colhido por um caixote na Exploração do Pórtio de Lisboa, ficando contuso na região lombar.

No posto da Cruz Vermelha do Calário, recebeu curativo e recolheu a casa, Júlio Pinto Branco, de 45 anos, natural de Santarém, carroceiro, morador na estrada de Monsanto, que, na rua do Alvito, caiu da carroça de que era condutor, ficando ferido na cabeça.

No salão de observações do hospital de S. José, deu entrada Henrique Cabo, de 40 anos, natural de porto Maurício (Itália), tripulante do vapor italiano "L'Oriente", fundado no entroponto de Santos, e que a bordo do mesmo barco foi colhido por uma lingada de fardos de algodão, ficando muito contuso nas costas.

Na sala de observações do hospital de S. José, deu entrada Henrique Cabo, de 40 anos, natural de porto Maurício (Itália), tripulante do vapor italiano "L'Oriente", fundado no entroponto de Santos, e que a bordo do mesmo barco foi colhido por uma lingada de fardos de algodão, ficando muito contuso nas costas.

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

## NO REGIME DA CRÁPULA E DA RAPINA

## Uma sindicância que é um "bluff"

Origem dos T. M. E. — Onde para o contrato com a «Furness»? — A negociação com o afretamento dos navios ex-alemanes

Sr. redactor — Na minha carta anterior, foi exposta a célebre negociação do afretamento dos navios ex-alemanes, tal e qual ela aparece, e sem que os sindicatos à razão de 60 escudos diários cada, nos venham dizer como é que tal contrato se efectuou. Mas

Rocha Martins está sendo em Portugal o mais infatigável dos escritores, lançando, constantemente, a público as mais variadas produções literárias. Dividindo, diariamente, a sua atenção por a revista e panfleto que dirige, com brilho e rara independência, ele consegue, ainda, aproveitar o tempo com um método prodigioso, e raro é o mês que uma grande ou pequena obra sua não vêm a público.

É formidável, num país tão pequeno, o

labor desse homem. E se não fossem muitas outras as suas belas qualidades de publicista, onde avulta a sua altivez plebeia

mas elegante, bastava o seu exemplo de trabalho e tenacidade para o impôr como figura respeitável.

É que soma de materiais, dos mais preciosos, não tem esse escritor vigoroso carregado para aquele campo onde a história liga as suas raízes?

Na sua obra, é o aspecto utilíssimo da sua orientação literária para ele ser mercedor da simpatia e gratidão dos portugueses.

A obra que Rocha Martins vem de lançar a público, e que acabamos de ler, com o maior interesse, é o livro intitulado «João Franco e o seu tempo, comentários às cartas d'Elrei D. Carlos».

É um livro de grande e grosso formato,

com quinhentas páginas, compacta composição, recheado de preciosas notas, muitas centenas de fotografias, e o mais completo inventário dos acontecimentos políticos que antecederam a implantação da República. Abrange o livro a época que vem desde Fevereiro de 1906, em que a dinastia dos Braganças começo a ser sacudida, fuiamente, com a discussão dos tabacos, até as horas trágicas de Fevereiro de 1908, em que D. Manuel prestava o seu juramento de rei, após o duplo regicídio que lhe havia derrubado o pai e o irmão.

O livro de Rocha Martins, admirável de profundezas, o mais completo de todos quantos no género se têm publicado, é a mais viva e flagrante reportagem desses dois anos de lutas políticas, talvez o período mais importante da história política do Portugal, porque nesse espaço de tempo é que a propaganda e conspiração republicana toma vulto e se decide o destino dos Braganças.

Entendo eu que, verdadeiramente, a morte também, mortalmente ferida, com a morte de D. Carlos e o exílio de João Franco. De modo que esse período, de 1908 a 1910, com a renovação franquista e a trágica decisão do rei, dá os incidentes do agonizar desesperado da monarquia. O rei D. Manuel II, já não é monarquia, mas decomposição...

Pois é este curioso e interessante período, que Rocha Martins nos dá no seu livro, revelando as misteriosas intriga dos bastidores do Páço e da política; trazendo, melhor iluminados, para a ribalta da cena política, os perfiles históricos de Hintze, José Luciano, João Franco e Alpoim.

Toda a miserável cabala urdida nos salões e vielas da política, e que na sombra era manejada pela manha de Luciano de Castro e pela ambição de Alpoim, tem um comentador implacável em Rocha Martins e não só comentador, como literato de pulso e emoção, mormente naquelas páginas soberbas que dão a tragédia íntima do Páço das Necessidades, quando João Franco, já dispensado pelo novo rei, passa submisso como um espectro a caminho do exílio; e Maria Pia, nos pronunciamentos de loucura, ou assombrada, galvanizada de asombro e dó, os cadáveres do filho e do neto assassinados pela política dementada de quaisquer todos.

Rocha Martins fez mais um grande e nobre livro. Não se esqueceu, o afazélo, de narrar a sua obra, é que não teme quase quaisquer referências, porquanto não há de se forçar o público a estar noventa minutos a ver vinte e dois homens a dar pontapés, de qualquer modo, numa bola. Vencem o Império que, embora não jogaram nada, conseguiram ser melhor que o Chelas.

Arbitragem de J. dos Santos a contento, tanto quanto lhe foi permitido pela técnica empregada pelos litigantes.

Os pontos obtidos quer pelo Império, quer pelo Chelas, foram trabalho da primeira parte, o primeiro resultou de uma grande penalidade, o segundo de uma grande sorte, e o terceiro, de uma oportuna cabeca, o terceiro foi declaradamente conquistado, por A. de Sousa deslocado e que, embora numa jogada rápida, o árbitro sr. S. do Carmo tivera tempo para reparar. Do Vítor, o melhor, Viegas que não foi culpado de qualquer das bolas entradas, tendo executado defesas consideradas de boa marca. Os desfazes fracos; os médios bem, intercepcionando muitos jogos e auxiliando regularmente os seus avançados; estes muitos bem na condução do jogo, mas muito maus marcadores e daí, as consequências.

Da segunda divisão jogaram, o Império contra o Chelas, desafio esse que não merece quase referência, porquanto não há de se forçar o público a estar noventa minutos a ver vinte e dois homens a dar pontapés, de qualquer modo, numa bola.

Vencem o Império que, embora não jogaram nada, conseguiram ser melhor que o Chelas.

Arbitragem de J. dos Santos a contento,

tanto quanto lhe foi permitido pela técnica empregada pelos litigantes.

Os pontos obtidos quer pelo Império,

quer pelo Chelas, foram trabalho da primeira parte, o primeiro resultou de uma grande penalidade, o segundo de uma grande sorte, e o terceiro, de uma oportuna cabeca, o terceiro foi declaradamente conquistado, por A. de Sousa deslocado e que, embora numa jogada rápida, o árbitro sr. S. do Carmo tivera tempo para reparar. Do Vítor, o melhor, Viegas que não foi culpado de qualquer das bolas entradas, tendo executado defesas consideradas de boa marca. Os desfazes fracos; os médios bem, intercepcionando muitos jogos e auxiliando regularmente os seus avançados; estes muitos bem na condução do jogo, mas muito maus marcadores e daí, as consequências.

Rocha Martins fez mais um grande e nobre livro. Não se esqueceu, o afazélo, de narrar a sua obra, é que não teme quase quaisquer referências, porquanto não há de se forçar o público a estar noventa minutos a ver vinte e dois homens a dar pontapés, de qualquer modo, numa bola.

Vencem o Império que, embora não jogaram nada, conseguiram ser melhor que o Chelas.

Arbitragem de J. dos Santos a contento,

</div

## MARCO POSTAL

Centro. — Agente. — Recebemos liquidação. Entendido.  
Centro de S. — Agente. — Recebemos liquidação. Entendido.  
Nov. e Dez. Seguem os MISTERIOS do Povo pedidos para os assistentes liquidados.  
Centro. — Agente. — Recebemos 2500 que tiveram o destino indicado.  
Dias. — F. G. Alfaia. — Em fins de Janeiro recebemos 300 ficando pago ate 30 de Setembro do ano findo.  
Lisboa. — Associação das Clases dos Manipuladores de Pão. — Temos em nosso poder uma carta para esse organismo.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE MARÇO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,29
S.	10	13	20	27	Desaparece às 17,44
S.	11	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	29
S.	2	9	16	23	30
T.	3	10	17	24	31

## MARES DE HOJE

Praiamar às 7,30 e às 8,01  
Baixamar às 0,33 e às 1,00

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 15 dias de vista	68,500	69,500
Londres, cheque	68,500	69,500
Paris	68,500	69,500
S. Paulo	68,500	69,500
Bélgica	68,500	69,500
Itália	68,500	69,500
Holanda	68,500	69,500
Madrid	68,500	69,500
New-York	68,500	69,500
Espanha	68,500	69,500
Itália	68,500	69,500
Suecia	68,500	69,500
Dinamarca	68,500	69,500
Praga	68,500	69,500
Eugenio Aires	68,500	69,500
Viena (1 shilling)	68,500	69,500
Reino Unido	68,500	69,500
Águia do Povo	68,500	69,500
Liras euro	68,500	69,500

## ESPECTÁCULOS

TEATROS  
São Carlos — A's 21,28 — Ninho de Aguas.  
São Luís — A's 21 — A Viva Alegria.  
Eclético — A's 21,30 — Vivelles.  
Trindade — A's 21,15 — Baby Minez.  
Teatro São — A's 21 — A Massaroca.  
Etc. — A's 21,15 — Mola Real.  
Frenó — A's 21,15 — O João Ratão.  
Een — A's 21,15 — Fruto Proibido.  
Juvenil — A's 21,15 — Irmãos e as Giladas.  
Teatro Vitoria — A's 20,26 e 22,26 — O Sonho Dourado.  
Teatro dos Realejos — A's 21 — Companhia de circo.  
Teatro São — A's 20,26 — Variedades.  
O Vidente (A Graça) — A's 20 — Animatógrafo.  
Frenó — Parque — Todas as noites — Concertos e divertimentos.

## CINEMAS

Olimpia — Clíffo Terrasse — Salão Central — Cinema Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora e Educação Popular — Cine Páris — Cine Esperança — Chantecier — Tivoli — Tortoise — Gil Vicente.

## Lei dos hóspedes

CONTENDO a tanta importância que os hóspedes têm de passar uns inquietos, em harmonia com as respectivas regras das casas, e as últimas disposições oficiais sobre o desporto dos quartos conforme o decreto n.º 9.116. Preço 1.200. Livraria Pacheco, rua do Mundo, n.º 79.

## Associação de Socorros Mútuos

## "A Pensão dos Inabilitados no Trabalho"

Sede — Rua Garcia da Horta, 33, 1.º

## AVISO

Convoco a assemblea geral a reunir na sede no dia 20 do corrente, às 20 horas e meia, para leitura, discussão e votação das relatórias das secções gerais, dia de 1925. Não se reunindo por falta de número, fica fixado para o dia 31, 3 mesma hora e local. Os livros e documentos acham-se patentes na sede, das 10 a 20, por espaço de 15 dias a contar de hoje.

Lisboa, 15 de março de 1925. — O Presidente da Mesa, RAMIRO DOS SANTOS.

## Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

## Aviso ao público

Venda em leilão de um vagão de palha

Faz-se público que, no dia 18 de março, pelas 12 horas e na estação de Ferragudo, proceder-se-á à venda em hasta pública, em harmonia com os regulamentos de um vagão de palha presa, com o peso aproximado de 8.800 quilogramas, que constitui a remessa do P. V. n.º 7.719, de Alvalade a Ferragudo.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer, sob a licitação de 18.000.

Lisboa, 11 de Março de 1925.

Velho engenheiro chefe do serviço de movimento do trânsito e reclamações

(a) Clemente da Silva.

## OS MISTERIOS DO POVO

com o diamante, com a pérola, com o tesouro de moedas, de graça e de encantos, que trago aqui de baixo d'este véo, e com que lhes vou oufuscar os olhos!

Dizendo estas palavras, a horrível megera apontou para uma forma confusa, coberta de um véo branco, tão comprido, que arrastava pelo chão. A surpresa e a curiosidade acalmaram um momento o ardor impuro dos cruzados; seguir-se-á um grande silêncio; todas as vistas queriam penetrar o véo, quando o duque de Aquitania exclamou:

— Meus hóspedes! este astro de beleza deve pertencer, segundo a minha opinião, ao cavaleiro que se mostrou mais valoroso no círculo de Marhala.

— Sim! sim! bradaram os cruzados; é justo! este tesouro deve ser o prémio do mais valente.

— Creio pois que ninguém me contradirá, prosseguiu William IX, proclamando que Heracio, senhor de Polignac, foi o que mais feitos de valentia praticou entre nós todos no círculo daquela cidade! Uma ação unânime acolheu as palavras do duque de Aquitania, que continuou:

— Heracio, senhor de Polignac, será pois seu este tesouro de beleza! só tu tens o privilégio de ver primeiro que todos este astro brilhante, que deve ofuscar-nos!

O senhor de Polignac atravessou pressuroso o grupo dos cruzados, ao passo que a rainha das ribaldas, que o senhor de Polignac tinha ao princípio puxado para si, dizia, fingindo um desespero escarnecedor:

— Ah! cruel! assim me deixas, pobre de mim, por uma beleza milagrosa!

— Depois, avistando o duque de Aquitania, correu para ele, e enlaçando-o nos braços, exclamou:

— Meu lindo duque, queres consolar-me?

— Por Vénus; tu aqui; disse alegremente William IX. Bem aparecida, minha devassa; a tua alegre presença apraz-me infinitamente.

— E a tua Azenor! ela vai esganar-me!

— Leve o diabo Azenor! e viva o amor...

Durante a breve conversação do duque de Aquita-

nia com a rainha das ribaldas, o senhor de Polignac tinha-se chegado para a mulher velada, depois, espalhando um instante pelos seus companheiros de armas um olhar glorioso e brilhante, tirou triunfante o véo que escondia o prémio do mais valente. A surpresa, o desapontamento dos cruzados obstou a que durante alguns minutos eles preferissem uma única palavra; viam aparecer-lhes Joana a Corcunda, com um enorme turbante roxo adornado de plumas de pavão, vestida de saia curta da mesma cor, tendo à mostra a sua triste deformidade e o seio maternal resequido pela miséria. Ao seu lado e chegando-se para ela com inquietação, vinha o pequeno Colombaik vestido de túnica de pregas, com os cabelos frizados perfumados, mas com os olhos vendados... «Consinto em servir-lhes de brinco, em sofrer todas as humilhações, porque me prometestes tomar conta do meu filho, e não me separas dele, tinha dito Joana a Corcunda a Gertrudes, antes de se prestar a fazer este papel; mas quero em nome da minha dignidade de mãe, em nome do pudor de meu filho, tapar-lhe os olhos e os ouvidos para que não seja testemunha do aviltamento de sua mãe.» A vista de Joana a Corcunda, os cruzados, ao princípio estupefactos e surpreendidos, soltaram depois estrondosas gargalhadas, concorrendo muito para a sua hilaridade a zanga de Heracio, senhor de Polignac, por se ver burlado.

Neste momento, Azenor, pálida, fora de si, com as feições contraídas por um ciúme desesperado, corria, ora para um lado, ora para outro dos cruzados, preguntando-lhes pelo duque de Aquitania; mas estes senhores, ébrios de vinho ou de luxuria, ou não lhe respondiam, ou se lhe diziam alguma coisa eram sarcasmos. — Levemos a corcunda em triunfo! exclamaram muitas vozes acompanhadas de estrepitosas gargalhadas.

O medo de Joana era tamanho, que se tornara lívida; resignada quando ali entraria a todos os sarcasmos, a tócas as humilhações, não tinha podido prever tal excesso de indignidade. A desgraçada mãe, tré-

## REUMATISMO

Sifilitico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

## "Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

## "Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

## "Reumatina"

Vende-se em todas as boas

farmácias e drogarias

## PÓ Anti-bienorrágico

E' o mais poderoso combatente das bienorrágicas crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto mérito operador dr. sr. Cristiano da Motta

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 — PORTO

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 9 (a Rua do Amparo)

Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lado do Cordeiro)

## PURGAÇÕES

Cura rápida e radical com a GONOSINA

Único específico que não causa apertos de uretra

FARMACIA OLIVEIRA — 238, Rua da Prata, 240

## Policlinica da Rua do Jardim do Tabaco, 90

Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais — Operações, 2 horas.

Dr. Alfredo do Fonseca, Assist. da Fac. de Med.

Doenças dos olhos, 2 horas.

Dr. Antônio de Menezes, Ex-ass. do Oscar Heinrich em Berlim, autor do "Osteopatia" (Deformidades e paralises causadas pelo excesso de peso).

Dr. Boaventura, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Francisco Marques, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

Doenças das articulações, 2 horas.

Dr. Mário Góes, Assist. da Fac. de Med.

# A BATALHA

## A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

### NA INGLATERRA

#### Os trabalhistas e as eleições municipais

Os resultados definitivos das eleições municipais de Londres foram favoráveis nas três vez as políticas do partido trabalhista.

Foram eleitos: 83 candidatos do partido reformista municipal (fação conservadora); 36 candidatos trabalhistas; e 6 candidatos progressistas (fação liberal).

A composição do precedente conselho do condado de Londres era a seguinte: reformistas municipais, 82; trabalhistas, 17; progressistas, 25.

Os trabalhistas ganharam pois 18 lugares à custa dos liberais, mas ou com uns ou com outros, se os municipais não se impuserem, continuariam os seus direitos a ser calados da mesma forma.

### NA AUSTRIA

#### Escândalos à portuguesa

Os escândalos político-financeiros abundam na Áustria, como na Alemanha.

Depois do caso Castiglioni, temos o grande escândalo de Skarlatz. Este especlador e os seus cúmplices são acusados de terem roubado mais de 300 bilhões de coroas austriacas em vendas fictícias e operações de identica natureza. Alguns ministros austriacos, e em particular os ministros Matai e Schueff, também entraram nestes negócios escusos.

A imprensa social-democrata não diz palavra sobre o assunto, e o jornal *A Tarde* foi perseguido pelos capitalistas por se ter referido ao caso.

## AS GREVES

### O conflito de Olhão

Uma tentativa de suborno—Os delegados da Federação Marítima ameaçados pelo comandante da G. N. R.

OLHÃO, 13.—O infame plano dos armadores que temos vindo denunciando nas colunas de *A Batalha*, tendente a levar os cárceis da república os dois delegados da Federação Marítima e alguns militantes da organização operária, está agora mais que provado. São os factos que têm vindo atestando a veracidade destas afirmações. Ontem, já depois de termos enviado a nossa correspondência soubemos que vários mestres de cércos ameaçaram todo o pessoal marítimo de pistola em punho. E na noite, quando vários marítimos saíram da associação e na praça trocavam impressões sobre os acontecimentos, um mantenedor da "ordem" conhecido por o Latao prenheu um dos marítimos.

Os iníquos projectos começaram enfim a pôr-se em prática, e o que é mais para lamentar, é que a autoridade administrativa esteja talvez que impensadamente a servir os manejos patronais.

Um desses projectos já também apareceu, que felizmente não deu resultado. Consta ele em os armadores oferecerem lugares de destaque à direcção marítima, pretendendo a peso de dinheiro comprar a sua dignidade e honestidade, o que a mesma soube repelir com altivez. Agora, para terminar basta que os leitores de *A Batalha* apreciem as palavras do sargento da guarda nacional republicana, na praça.

"Aqueles dois—apontando para os delegados da Federação Marítima—párdas que aqui andam é que são os culpados de tudo isto, se eles soubessem o que está para lhes suceder."

Aqui ficam, pois, gravadas estas palavras para que o público as aprecie, tanto mais que se esperam acontecimentos preparados pelo patronato com a saída dum dos cércos para Quarteira com o fim de contratar pessoal.

Uma cilada dos armadores que não surtiu efeito

A classe marítima foi provocada dentro da sua própria sede. Um grupo de "desordens"—ventureiros sem escrúpulos a sólidos armadores—ameaçadoramente, afrontou toda a classe marítima. As suas pretensões visavam a que esta classe consentisse no seu seio, Manuel Viegas Júnior, que não sendo marítimo fôr trair a mesma classe.

A provocação fez-se numa ocasião em que os delegados da Federação Marítima e a direcção do sindicato não estavam presentes.

A classe que a custo se compõe na sala de sessões, em face da provocação, precipita-se. Iam emfim ser satisfeitos os desejos dos armadores.

Mas no momento em que os apaniguados dos armadores estavam quase que a conseguirem os seus intentos, um jovem marítimo subiu a um banco e serenamente na sua linguagem simples, fez ver que aqueles indivíduos haviam sido enviados pelos armadores para que se travasse a luta para que a porta da sede no dia seguinte fosse encerrada. Em face disto só um caminho havia a seguir para evitar a tragédia: abandonar a sede e deixar entrar os desordeiros. Esta atitude salvou a situação. Os bandoileiros em vista disto, vendo que nada conseguiam, retiraram-se ameaçando vários marítimos que contribuíram para serenar os ânimos.—C.

### Aos colecionadores de o Suplemento "A Batalha"

Previnem-se os colecionadores de o suplemento semanal de *A Batalha* que se está a preparar umas capas artísticas e um índice que veja melhorar consideravelmente esta preciosíssima edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazer as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também coleções do 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optimamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssima colaboração com centenas de gravuras.

## Contra o movimento das "fórcas vivas"

### Os manipuladores de pão de Santarém contra a ditadura patronal

SANTARÉM, 13.—Na sua sede reuniram-se os Manipuladores de Pão de fim de dia os manipuladores de pão de Santarém, tendo ação nefasta dos "cíneus" citadinos, tendo aprovado, após larga crítica por parte de alguns camaradas, a seguinte moção de protesto:

"1.º Os operários Manipuladores de Pão de Santarém, resolvem proclamar altissimamente o seu desprêzo absoluto pelos quadrilheiros da União dos Interesses Económicos;

2.º Quando surgir a hora da luta, empregar contra esses salteadores todas as armas, ainda as mais violentas.

3.º Dar o seu incondicional apoio à C. G. T. para qualquer movimento que este organismo leve à prática, atinente a fazer encolher as garras a todos os bandoileiros do comércio, da finanças da indústria.

4.º Promover uma constante agitação de maneira que todo o proletariado esteja vigilante para a luta a travar com os corvos da U. I. E."

Esta moção foi aprovada por unanimidade. Entre vivo entusiasmo o presidente, Gaspar, faz uma breve preleção exortando todos os camaradas a cumprirem integralmente os seus deveres, a fim de obrigar os patronatos a respeitar os seus direitos, impondo assim o prestígio colectivo, razão basilar da existência do sindicato. Apela também para os camaradas desempregados comunicarem à direcção a sua situação para se interessar pela colocação dos sem trabalho.

No final foi aberta uma quete a favor do camarada sindicado Domingos Bernardito, que rendeu 6500\$00 e iniciou-se uma subscrição para compra do mobiliário que ficou já em 215\$00. A sessão foi encerrada no meio dum indescritível animação soltando-se vivas a C. G. T., *A Batalha*, e a revolução social.

Depois dum interessante intuito justificando como, em virtude da proibição, feita

ao abrigo dum la que já tem cabos brancos, da sua conferência passada, teve de escolher novo tema, para não ser obrigado a servir conferências às postas, o orador, entrando propriamente no assunto, inicia as suas considerações afirmando que o ensino oficial da história sóbre ser inútil, por apenas relacionar nomes de guerreiros, das batalhas, isto é, glorificar a violência, se torna mentiroso quando, chegando aos nossos dias, e depois de ser obrigado a confessar que cada página de história é uma transformação, uma modificação num sentido de progresso, manda que os professores afirmem aos seus alunos que a evolução parou—que o dia de amanhã será igual ao de hoje. E quando os revolucionários, seguindo as lições que a história lhes dá, desejam agir e realizar uma obra de transformações, chamam-lhes utópicos e criminosos—quando se não pode negar que essa transformação não tenha sido constante e que, portanto, deve prosseguir. Mostrando quanto há de reaccionário e de falso nesse critério de História, explica como ele leva à noção da Patria erigida pela violência e vivendo da exploração dos vizinhos—ante a qual se exige que nos curvemos numa adoração ridícula.

Aqueles que andam hoje pregando a glorificação de Nuno Alves, que querem que decoremos todas as datas glórias em que a nossa violenta exploração se manifestou, é bom indicar a orientação de exploração perpétua em temos vivido e o espírito de rapina que nos guia, nos factos culminantes da nossa história, que, previsamente, dizem constituir a nossa glória.

A esses deve-se-lhes mostrar a história de Portugal tal qual ela é—e não como os compêndios oficiais.

O orador lá depois uma brillante exposição do inicio da nacionalidade e de como desde logo se manifestou o instinto de roubo, de violência, de viver à custa dos outros, que tem sido a faceta proeminente da sociedade portuguesa. Com a ajuda dos cruzados que aqui passavam em direcção ao Oriente os fidalgos e vilões daquele tempo conquistaram aos moíros tóda a terra que ocupavam, escravizando-os em seguida.

Vivendo à custa do agricultor esforçado e do artista hábil que era o moiro, a nossa cobiça não se satisfaz e logo, exaustos aqueles, nós voltámo-nos para o mouro africano e para o judeu.

O judeu era rico; passou a pagar-nos o próprio ar que respirava. Procurar trabalho é probo e dignificante, nunca foi objectivo que nos tentasse. Havia necessidade, pois, de tentarmos uma grande empresa em que ficassem asseguradas a mandriada e o luxo da aristocracia e do clero dominantes.

A África, a Índia, o Brasil, surgiu-nos de uma visão fantástica; o El-Dorado, que enarniçadamente procuravamo, tinhamo-lo em.

Uma vez esta ideia materializada, uma outra obra se impõe como complemento da primeira: a criação da Federação dos Operários Municipais Portugueses.

Contra a pretensão das "fórcas do ónus vivo", que para escalarem o poder lançam mão de todos os meios, só uma poderosa organização responderá com vantagem. E essa organização só comportará capacidade necessária se possuir todas as células como apontamos aí.

Este simples apelo tem a vantagem de evitar o facto incongruente, como o verificado há dias em Lisboa, onde uma pseudo associação traíu uma reclamação apresentada pelo S. Unico de Lisboa, sem consideração pela unidade da classe que neste momento se impõe.

CARLOS COSTA  
Operário municipal

### INTERESSES DE CLASSE

### Operários Municipais

### Deve criar-se a Federação Nacional

Nun artigo inserto em *A Batalha*, Alfredo Pereira Vaz incita todos os operários ao serviço das Câmaras Municipais a unirem-se dentro do baluarte sindical: o Sindicato Único dos Operários Municipais. De facto assim é. O organismo em referência pode atenuar as graves consequências da falta de organização sindical, deficiências não só verificadas em Lisboa, mas em todo o país.

A luta entre exploradores e exploradores não encontra eco nesta classe, porque a organização referida não comporta capacidade revolucionária para enfrentar o problema. Daí a necessidade dos operários deste ramo de serviço secundarem o gesto dos seus camaradas de Lisboa, formando um organismo idêntico, especialmente os de Setúbal, Porto e Coimbra.

Uma vez esta ideia materializada, uma outra obra se impõe como complemento da primeira: a criação da Federação dos Operários Municipais Portugueses.

Contra a pretensão das "fórcas do ónus vivo", que para escalarem o poder lançam mão de todos os meios, só uma poderosa organização responderá com vantagem. E essa organização só comportará capacidade necessária se possuir todas as células como apontamos aí.

Este simples apelo tem a vantagem de evitar o facto incongruente, como o verificado há dias em Lisboa, onde uma pseudo associação traíu uma reclamação apresentada pelo S. Unico de Lisboa, sem consideração pela unidade da classe que neste momento se impõe.

CARLOS COSTA  
Operário municipal

### EM SANTAREM

### Em defesa do descanso semanal e do horário de trabalho

SANTARÉM, 13.—A direcção da Associação dos Empregados no Comércio tem-se interessado pela defesa do descanso semanal, quer na cidade, quer nos conselhos circunvizinhos. Avistou-se últimamente com o governador civil, que a atender com singular amabilidade, prometendo fazer cumprir as leis, o que de facto sucedeu, pois que em Almeirim onde os patrões só davam algumas horas de repouso aos empregados, estes foram presentemente o dia de descanso a quem direito. Também esta autoridade circulou aos administradores de concelhos vários para que façam cumprir as leis. Sobre o horário está a direcção do sindicato a preparar uma estatística que habilite as autoridades a saberem em que concelhos deste distrito elas não se cumpre.

CARLOS COSTA  
Operário municipal

### CONFERÊNCIAS

### Valores morais e sociais na literatura

O dr. sr. Câmara Reis realiza hoje, pelas 21 horas, na secção da U. P. P. instalada no Sindicato Único da Construção Civil, a 3.ª conferência da série que sob o tema *Valores morais e sociais na literatura* vem efectuando no mesmo local. O distinto professor ocupar-se haja hoje especialmente de Tolstoi, deixando ler o comentar algumas das melhores páginas do grande romancista.

"O que é a Associação"

No Sindicato Único dos Trabalhadores de Limpezas e Pinturas de Navios no Porto de Lisboa, realiza depois de amanhã Manuel Joaquim de Sousa uma conferência sob o tema: "O que é a Associação".

Grupo Educação Social de Palma

Por motivos imperiosos ficas transferida para a próxima terça-feira a conferência que este organismo leva à prática, atinente a fazer encolher as garras a todos os bandoileiros do comércio, da finanças e operações de identica natureza. Alguns ministros austríacos, e em particular os ministros Matai e Schueff, também entraram nestes negócios escusos.

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o sr. dr. Amâncio de Alpoim a sua anuenciada conferência sobre a "evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim